

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO TEMPO PRESENTE
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

**“Marcas da Memória: História, Imagem e Testemunho da Anistia no
Brasil”**
(UFRJ/ Comissão de Anistia-MJ)

Ficha Técnica

Nome do Entrevistado: Marly Vianna
Data da Entrevista: 22 de maio de 2013
Local: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS)
Entrevistadores: Maria Paula Araujo, Marco Aurélio Santana, Marieta Ferreira e Michel Misse
Transcrição: Glenda Gathe
Revisão: Desirree Reis
Justificativa: Foi aluna do curso de História da antiga Faculdade Nacional de Filosofia nos anos 1960, mas só pôde finalizar a graduação em 1981, durante o processo de abertura da ditadura militar. Atuou como militante do PCB, na campanha da legalidade de João Goulart. Teve grande participação no Movimento Universitário durante a ditadura, tendo sido presa, além de ter vivido por quase sete anos na clandestinidade no Brasil. Foi membro do Comitê Central do PCB nos anos 1970. Atualmente, é professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos e professora de pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira.



Transcrição da Entrevista

Maria Paula: Boa noite! Nós estamos dando continuidade a esse projeto de memórias da UFRJ, que tem por objetivo registrar o depoimento de professores, ex-professores, alunos, ex-alunos e ex-funcionários, também. Embora ainda não tenhamos encontrado nenhum funcionário, também está dentro do projeto e ainda vamos conseguir. A nossa ideia é registrar esses depoimentos para mostrar como, de diferentes formas, a comunidade universitária enfrentou, teve que lidar e foi atingida pela ditadura militar. Esse projeto é impulsionado por alguns outros projetos de memória do período da ditadura militar que temos, especialmente um deles, que é o *Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil* que é feito em parceria com a Comissão de Anistia e, também, com o *Memórias Reveladas* que tem sido o principal patrocinador e incentivador desse projeto e que se liga, é importante dizer, com outras iniciativas de fazer esse registro de depoimentos e de memória, no Rio de Janeiro e no país. Então eu, Marieta [Ferreira], Marco Aurélio [Santana] e o professor Michel Misse temos muita satisfação de fazer hoje a entrevista com a professora Mary Vianna que foi aluna daqui [Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS]. Eu queria, antes de começar, fazer uma primeira ressalva com a professora Marly explicando que aqui a gente trabalha com história oral com essa metodologia de história de vida. Então, não é um questionário sobre o que exatamente aconteceu, mas é, na verdade, trazer um pouco a tona o sujeito da entrevista como um personagem da história do período. Por isso fazemos perguntas de antes e de depois.

Marieta: Posso começar perguntando, Paula?

Maria Paula: Claro.

Marieta: Bom, é um prazer termos hoje, aqui, a professora Marly, que teve uma trajetória importante na antiga Faculdade Nacional de Filosofia e também,

posteriormente, já no período da ditadura militar, depois com o seu retorno, já no tempo da abertura, ao IFCS para a conclusão do seu curso. Professora Marly, para mim essa entrevista é de grande relevância não só do ponto de vista político, como a professora Maria Paula já explicou, que isso se insere num projeto maior, mas também, essa entrevista se insere num projeto acadêmico sobre a história da Faculdade Nacional de Filosofia do curso de História. Eu, inclusive, acabei de produzir esse livro que se chama *A História como Ofício*, onde há toda uma reflexão, uma série de escritos e artigos sobre a criação do curso de História, mas também um conjunto de entrevistas de antigos professores seus e colegas que tiveram um papel destacado na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, como o professor Francisco Falcon, como o professor Ilmar Mattos, Maria Yedda [Linhares] que estão registrados nesse livro. E certamente a sua entrevista vai nos permitir dar continuidade à ampliação desse material que nos permitirá conhecer melhor o perfil desses cursos, as concepções de História, a relação entre professores e alunos e as lutas políticas que foram travadas nesses espaços. Então, eu começaria, dentro dessa perspectiva que a professora Paula comentou aqui, retornando às suas origens familiares – onde você nasceu, sua família, onde estudou, como você chegou à Faculdade Nacional de Filosofia e essa sua opção por História?

Marly: Eu gostaria de agradecer muito o convite de estar aqui. É uma honra! Eu gostaria de pedir para que se eu me alongar muito, me interromperem porque é muita coisa. Então, eu sou mineira de nascimento e também de família, a família do meu pai é toda de Minas Gerais, e eu sou prima do famoso Helio Vianna. Meu pai era oficial do exército e, então, nós viajamos uns 10 anos. A gente correu o mundo. Eu nasci em São João Del Rei, em 1937, e fiz todo o curso primário em várias cidades de Minas, em Belém do Pará, em Juiz de Fora e viemos para o Rio quando eu tinha 10 anos. Fui, então, fazer o antigo Instituto de Educação, na Rua Mariz e Barros. Eu sempre fui muito metida, sempre queria fazer alguma coisa, com muitas atividades, fui bandeirante quando estava no Instituto de Educação. Me formei em 1956 na Mariz e Barros, no Instituto de Educação da época, que foi aquele onde foi filmada [a mini-série] “Anos Dourados”. É exatamente aquilo, só a entrada que não era pela frente. Depois que fiz o Instituto de Educação e me formei, eu me casei. Foi logo depois, em 1956. Tive três filhos seguidamente. Agora eu vou dar um pulo para o ano de 1960, porque tem muita coisa para falar. Por um lado, por essa vontade de fazer alguma coisa e, por outro, por causa daquela formação, não dá para nos determos muito nisso aqui, mas sempre digo

que a minha geração é mais próxima da geração da minha avó, do século XIX, do que da dos meus filhos que são do início da década de 1960. Por causa de toda a formação, da questão familiar... Imagine só o meu pai: militar e mineiro! Para ele, mulher não tinha que trabalhar. Ele só me deixou fazer o Instituto de Educação por causa de certa visão de que o mundo estava mudando e as mulheres tinham que ter uma profissão e, em segundo lugar, porque só trabalhava com mulher. Porque naquela época o Instituto de Educação não tinha homem. Só as moças que eram professoras. Havia, então, essa contradição de ter que atender ao que a família esperava de você e, ao mesmo tempo, ter vontade de fazer alguma coisa. Então eu casei, como se esperava, tive três filhos. Em 1960, também bastante por influência de Leandro Konder, que era meu cunhado, eu o conheço desde 1957...

Marieta: Você conheceu o Leandro como?

Marly: Eu o conheci em 1957, porque ele começou a namorar minha irmã, com quem se casou em 1962 e se separaram em 1968. Mas continuo considerando o Leandro como um irmão e o Leandro é de uma família comunista. Eu, pessoalmente, tinha medo de comunismo, porque as histórias que a minha avó contava sobre a Revolução Russa – que eles amarravam as freiras nos postes, que cortavam os seios, deixavam sangrando, comiam criancinhas. Lembro que uma vez, passando pela Embaixada Soviética ali na Rua Visconde de Albuquerque, na verdade era uma Delegação Comercial Soviética, porque não tinha embaixada, enfim, quando me disseram: “Aqui é a Delegação Comercial Soviética”, eu cheguei a ficar arrepiada.

Mas 1960 foi um ano muito importante para o país. Foi o ano das eleições presidenciais de Jânio [Quadros] e Jango [João Goulart], quer dizer, Jânio e [Marechal Henrique Teixeira] Lott. E, acho que influenciada pela política, frequentava muito a casa de doutor Valério [Konder], pai de Leandro, e eu começava a achar que esse negócio de comunista não era tão feio assim. Mas eu também tinha, no Instituto de Educação, um professor que eu adorava, que era o Edgard Sussekind de Medonça, que era comunista notório, preso em 1935. Ele, inclusive, me convidou para fazer parte do Grêmio Acadêmico, que se chamava Grêmio Acadêmico Ruy Barbosa. Havia aquele grupo de quem todo mundo cochichava: “É todo mundo comunista!”, mas como o partido naquela época era muito sectário, ninguém sabia quem era da JC [Juventude Comunista] e quem não era. Mas eu gostava do Sussekind, então podiam dizer o que

fosse dele que eu... Nossa chapa foi eleita e, em seguida, o diretor do Instituto fechou o grêmio e eu não tive oportunidade de participar. [risos]

Contudo, em 1960, eu me lembro que começou a campanha do Lott, que foi uma campanha fantástica. Você ia ao ISEB [Instituto Superior de Estudos Brasileiros] e tinha pessoas cobertas de espadinha, na plateia, porque o símbolo dele era uma espada e o do Jânio era uma vassourinha. Era um entusiasmo muito grande. Eu tirei a minha carteira de motorista um mês antes das eleições e a minha Kombi era toda coberta de cartazes do Lott e Jango, que era a chapa que nós defendíamos. Lott era um candidato difícil de levar, porque ele ia para o palanque dizer que não queria comunista no palanque com ele, mas eu não tinha nada a ver com o Partido Comunista nessa época não. Por outro lado, tinha o Jânio falando que ia reatar relações com a União Soviética, embora ao tomar posse não tenha sido isso que ele fez. Nesse meio tempo, eu tentei fazer vestibular.

Marieta: Para História?

Marly: Então, eu ia fazer para Ciências Sociais, quem me trouxe para História foi o Pedro Celso. Porque naquela época tinha uma coisa muito importante na Faculdade: os comunistas eram os melhores alunos - o que não quer dizer que não tivessem bons alunos que não fossem comunistas - e eles abriram um pré-vestibular em que você não pagava nada. Cada Universidade fazia o seu vestibular. Então, eu fui aluna do Pedro Celso. O Wilson Nascimento Silva era dessa turma também.

Marieta: O José Luiz Werneck também.

Marly: O Zé Luiz Werneck não. Acho que ele é anterior. Eu não peguei essa turma não. Eu me lembro, então, que comecei a fazer esse pré-vestibular. Aí o Pedro Celso disse: “Você vai fazer Ciências Sociais? Mas Ciências Sociais não existe! Existe História! Sociologia é uma conversa.” Aí eu achei que ele tinha toda a razão e fui fazer História! [risos] Porque ele criticava muito as Ciências Sociais. Outro que influenciou muito e, por isso eu o citei, foi o Wilson que, aliás, era um aluno absolutamente brilhante! De uma inteligência fantástica! Eu disse: “Wilson, estou com vontade de entrar para o PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]” e ele me disse: “Besteira! Se você tiver que entrar em algum partido, entra para o PC [Partido Comunista], imagina se vai entrar para o PTB!” Naquela época, eles todos eram do PC – o Pedro Celso, o Pedro Alcântara, o Wilson – e

começaram a me chamar para as reuniões. Só que para mim era difícil arranjar um dia para ir, até que arranjei e fui. Eu já tinha um carro aqui. Eu disse: “Ao invés de ficar de simpatizante, vou logo pedir ingresso” [risos]. Entrei para o Partido quando já devia ser mais ou menos abril de 1961.

Marieta: Então você entrou logo depois para faculdade?

Marly: Sim, logo depois. Quando eu entrei para o Instituto de Educação, o professor Eremildo Viana, de tristíssima memória, já estava saindo afastado, porque ele, e outros dois professores de História, dos quais eu esqueci o nome, foram apanhados nos fundos, numa casa de servente, com umas alunas do terceiro ano normal. Bom, eu conhecia a história de que ele que dizia: “Ah! Ninguém pode resistir aos meus olhos claros!”, ele era muito convencido. Logo que eu entrei o Eremildo mandou me chamar e me disse: “Eu ouvi dizer que a senhora é comunista e que mudou para cá para servir ao Partido” e eu disse que não, e realmente não estava mentindo, e ele disse: “Bom, prazer, eu sou do Partido Comunista e se algum dia você quiser entrar, me avise!”. Aí ele me disse – vocês não imaginam o que era ser desquitada naquela época – “Eu queria lhe dizer que eu também não me dou bem com a minha mulher...” – eu sentada lá e ele no que seria aqui na mesa - “... eu queria te dizer que se surgir alguma dificuldade, se você quiser sentar para conversar, nós podemos conversar aqui, com essa bela vista”. Naquela época, eu tinha de 23 para 24 anos, mas o Eremildo parecia, para mim, o meu pai. Porque a diferença de idade vai diminuindo conforme você vai envelhecendo, mas quando você tem 23 e o outro tem 40, você acha que o outro é um velho caquético! [risos] E ele punha adoçante no café e eu não sabia que existia adoçante, então eu achava que ele estava tomando remédio. Saí dali e contei para todo mundo. Ah! Porque ele disse que se eu fosse boa aluna e me dirigisse para a Antiguidade ou Idade Média, ele me garantiria como assistente dele. Foi um pouquinho uma cantada, apesar de muito educada, mas eu contei logo para o pessoal todo. Isso teve repercussões na raiva que ele teve de mim, porque numa vez, no auge de uma briga com ele, em 1963, o Wilson levantou isso do meu lado, numa Assembleia.

Mas, então, eu entrei e logo entrei para o Partido. Em junho, houve uma reunião com o Comitê Universitário. Havia duas entidades no Partido ligadas à juventude: a Sessão Juvenil do Comitê Central, que era dirigida pela Zuleika Alambert, que morreu em dezembro do ano passado, e tinha o Comitê Universitário. A Sessão Juvenil era ligada diretamente ao Comitê Central e o Comitê Universitário era ligado ao Comitê

Estadual do Guanabara. Eu fui, então, para o Comitê Universitário, inicialmente, como secretária de finanças, porque eu era boa para cobrar de todo mundo. Mas depois eu passei logo para a Secretaria de Organização e fiquei responsável pela organização do Partido em todas as bases das universidades na Guanabara. Até hoje eu tenho uma quantidade alta de amigos médicos, porque eu era assistente, era como me chamavam, das Ciências Médicas, Medicina e Cirurgia. Então a nossa atividade era essa, o ano de 1961 passou principalmente por essa atividade partidária. Eu fiz o primeiro ano e isso é importante, porque naquela época o ensino era anual. Você tinha turma, eu acho que isso é muito importante! Então, eu fiz o primeiro ano e, nessa época, passou, também, se não me engano, em primeiro lugar o José Salles que foi o meu companheiro durante 15 anos. Nós entramos juntos no Partido, inclusive. José Salles também era do Comitê Universitário e a nossa atividade era política. Nós fazíamos, se não me engano, Introdução à História, com o Hasselmann que era uma bela figura! Depois eu fazia Antropologia com a professora, História Antiga com a Catarina. Não tinha História do Brasil nesse período. Em Geografia era uma mocinha, esqueci o nome dela. Passando para o segundo ano, a gente fazia de tudo, menos estudar. O que a gente fazia era política.

Marieta: Deixa eu te fazer uma pergunta. Como era a sua relação e qual era o significado do Centro de Estudos Históricos? Onde estavam o Pedro Celso, o Joel Rufino...

Marly: Não, o Joel não. Ele só entra um pouquinho mais tarde, se não me engano em 1962. Junto com o Ciro [Flamarion Cardoso], com o Maurício Martins de Mello. Junto com a Turma da História Nova. Se não me engano, com a exceção do Pedrinho Alcântara, essa turma é de 1962.

Eu ia falar disso mais tarde, mas, já que você me perguntou, eu vou falar agora. Nós considerávamos o Centro Acadêmico da Filosofia de direita. Eu acho que se eu o visse hoje não acharia de jeito nenhum! Lembro que, quando eu estava dando aula em São Carlos, vários alunos meus, ótimos, que não identificavam algumas posições que nós achávamos de extrema direita, naquela época. Não tenho certeza se foi ideia do Pedro Celso ou do Wilson - e quero chamar atenção para isso porque gosto de dar um pouco o exemplo da Nacional de Filosofia para fazer comparação com o nacional e, aí, vocês veem se eu tenho, ou não, razão de fazer essa analogia...

Marieta: Segundo o Pedro Celso, a ideia foi do José Luiz Werneck da Silva.

Marly: Aí eu já não sei, porque não é da minha época. Mas eles criaram o Centro de Estudos Históricos. Eu tenho todos os volumes da revista de História [chamada Boletim de História] que é interessantíssima! É uma revista que poucos mestrados fazem igual. Eu não sei se vocês têm os volumes aqui.

Marieta: Não, aqui não tem. Eu consegui fazer o Xerox...

Marly: Não? Então eu vou separar e fazer uma doação para vocês, porque é muito mais interessante essas coisas ficarem com você do que ficarem guardadas na minha casa.

Marieta: Seria muito bom. E é um material muito rico!

Marly: Isso! Então, nós começamos a crescer. Sabe qual era a grande discussão do Pedro Celso na época? Era se nós éramos estudantes comunistas ou comunistas estudantes. Isso tinha uma relevância incrível! Isso tinha lá a sua diferença!

Maria Paula: Qual era a diferença?

Marly: O Pedro Celso achava que se éramos estudantes comunistas, tínhamos uma responsabilidade muito maior com o estudo, ele sempre ressaltou muito isso; A gente separava muito isso, porque, vocês não tem ideia, a gente estava na rua fazendo agitação o tempo todo! Não havia nenhum evento político no qual não estivéssemos participando. Por exemplo, em relação a Cuba. O que a gente fazia de passeata a favor de Cuba! Já ouviu falar no brucutu [veículo militar utilizado como uma espécie de ‘canhão d’água’]? O brucutu foi estreado contra nós numa passeata a favor de Cuba. E foi fantástico! Vou contar. Nós estávamos ali no Clube Naval, na Rio Branco, ali na Almirante Barroso, porque a sede do Partido era na Rua Marques do Herval. O Partido estava ilegal, mas era uma ilegalidade jurídica, porque a gente atuava. Então, a nossa sede se chamava Escritório do Deputado Hermes Correia, mas era a sede do Partido e todo mundo sabia. Aí veio o brucutu, levantou para jogar a água em cima de nós, aí todo mundo falou: “O brucutu broxou!”. Foi uma gargalhada! [risos] Porque ele não funcionou dessa vez! E o que nós ouvimos de desaforo! Em 1962, houve eleições aqui na Guanabara e tinha o “Prestes Indica!” com os candidatos. Todos candidatos pelo PTB [Partido Trabalhista Brasileiro], não sei se tinha o PSB [Partido Socialista

Brasileiro] naquela época, mas o PTB era quem mais nos recorria para lançar candidato. Inclusive, uma vez no Largo do Machado, se não fosse a Anita [Prestes] eu tinha dado umas guarda-chuvas num senhor. Porque nós distribuíamos dois panfletos. Pegávamos e dizíamos: “Propaganda dos candidatos comunistas!” e um senhor nos viu, duas mocinhas, e disse: “Oh, pois não, minhas filhas... O quê é isso?!” dissemos: “Propaganda dos candidatos comunistas”. Aí ele desandou, nos chamou de... Foi uma coisa horrorosa! Aí eu peguei o guarda-chuva, foi aí que a Anita me impediu. Porque eu achei que aí, também, já era demais! Nós ouvimos muito! “Ah! Minha filha, porque você não vai para Cuba se é tão bom?”. Mas o ano de 1962 foi um ano de muita efervescência política e de muito crescimento do movimento de massa e do Movimento Sindical. Em 1960, tinha havido o V Congresso do Partido Comunista que deu certa abertura ao Partido. Eu acho que as teses do V e do VI Congresso eram muito liberais e uma vez eu cheguei e disse: “Para ter essa posição é melhor ficar no PTB que você não corre risco de vida!”. Mas, ao mesmo tempo, isso tirou o Partido das catacumbas, como dizíamos, e o Partido começou a crescer. Crescer bastante! A gente só andava aqui com foice e martelo na gola com retratinho do Lênin. Isso é importante, porque acompanha uma política com o resto do país, isto é, com muito cuidado de crescer junto com o Movimento Sindical e com o movimento popular e, assim fomos crescendo. Nós tínhamos aqui a base do Partido Comunista, na Filosofia. Nós crescemos tanto, éramos mais de cem, que tivemos que dividir a reunião da base por curso. Para vocês terem uma ideia, do PCdoB [Partido Comunista do Brasil] só tinha a Victória Grabois que se reunia com a gente, da AP [Ação Popular] tinha a Flora Abreu que se reunia com a gente. Nós éramos, realmente, a esmagadora maioria naquele período. Outra questão que é importante é o CPC da UNE [Centro popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes] e, a meu ver, a posição do Partido era muito correta em relação a sua proposta de reformas de base, reformas agrária, universitária e política. Tinha até uma musiquinha no período muito boa! Quem pode ajudar vocês nisso, também, é Alba Zaluar que era do CPC.

Maria Paula: Você tinha algum tipo de atuação dentro do CPC?

Marly: Não. A minha atuação específica era dentro do Partido Comunista, da organização, das assistências.

Marieta: Você pode voltar para o papel do Centro de Estudos Históricos na época?

Marly: Vou voltar, porque nesse crescimento, como eu dizia, o Centro de Estudos de História teve um papel muito grande. Primeiro, nos vestibulares, porque nós dávamos aula de boa qualidade e gratuita para o pessoal que estava para entrar na faculdade. Eles já entravam, portanto, simpáticos a nós. Isso é uma coisa muito importante, e nós fazíamos muitas atividades importantes no Centro de Estudos de História e muitas discussões e foi crescendo dessa forma que eu te disse, chegamos a ter mais de cem militantes aqui.

Houve uma posição muito importante do Partido em 1961 em relação à renúncia do Jânio. Ele renunciou e imediatamente o PC deu a palavra de ordem de manter a legalidade democrática, ou seja, a posse do vice, conforme dizia a Constituição. Tinha coisas realmente muito engraçadas: sempre às 5 horas nós fazíamos alguma coisa e o Pedro Celso era casado com a Norma e o pai dela era dono da empresa de ônibus Camões que vocês não devem conhecer. Ele fazia a linha Central do Brasil–Ipanema, e se chamava Camões, porque a parte da frente dele tinha o motorista e a parte de trás era recuada. Quando nós já estávamos fazendo fogueira na rua para os ônibus não passarem, o Pedro Celso gritava assim, não lembro bem o número: “O doze não! O doze não!” porque era da família dele. [risos]

Outra questão foi, acho que no segundo dia dessa manifestação, que eu fui detida pela primeira vez. Nós estávamos fazendo a campanha pela legalidade do partido...

Marieta: Pela legalidade no sentido de garantir a posse do Jango após a renúncia do Jânio.

Marly: Sim, nós estávamos nessa campanha. É engraçado, porque depois que passou, o Jango tomou posse, a gente dizia que todos iam ficar viciados em gás lacrimogêneo, porque todo mundo ia para a Cinelândia, chegávamos lá três horas, por exemplo, e fazíamos agitação até as cinco, quando chegava a polícia. Era gás para todo lado! Você conheceu o Antônio Carlos Pinto Peixoto?

Marieta: Sim.

Marly: O comércio começava a fechar as portas e uma vez o Antônio Carlos estava num bar e tinha uma distância, assim, desse tamanho, para a porta fechar e ele entrou no lugar feito um *Boeing*, porque a polícia entrava batendo mesmo. Foi a primeira vez que fui detida, se vocês acharem que não valha a pena contar, me interrompam. Nós panfletávamos muito pela legalidade. O PC pedindo pela posse do Jango e, nessa época,

quem era a presidente do DCE [Diretório Central dos Estudantes] da UNE [União Nacional dos Estudantes] era Liana, uma moça da [faculdade de] Belas Artes e, naquela época, os métodos, ainda antigos, do PCB eram fantásticos: pouco antes de eu entrar, nas eleições da UME [União Municipal dos Estudantes], o pessoal ficava esperando as freiras irem embora, porque a UME votava em colégio particular também, aí quando chegava dez horas as freiras começavam a ficar incomodadas e a ir embora para casa. Houve uma eleição, acho que em 1958 ou em 1959, que era muito importante e as freiras não iam embora. E tinha uma pessoa, que não era uma marginal, mas era um sem teto que vivia lá na UNE. Ele tinha o apelido de [inaudível] porque ele parecia com um polonês. Aí chegam o Givaldo Siqueira e o Milton Coelho da Graça e dizem ao [rapaz sem teto]: “Cinco cruzeiros para entrar nu no auditório, você topa?” e ele topou na hora. E de repente, ele entra inteiramente pelado no auditório e as freiras, num “Deus nos acuda!” foram embora! [risos] Aí a gente votou e ganhou a eleição.

Estou me lembrando disso, porque a Liana foi eleita para o DCE através de um desses métodos. Naquela época, não tinha o aterro ainda, ele começou a ser feito nos anos 1965, então a praia vinha até onde tem a murada que vocês veem aí do lado. Essa eleição estava apertadíssima, inclusive porque quem concorria muito conosco aqui era um pessoal do CACO [Centro Acadêmico Cândido de Oliveira] que tinha feito uma organização que se chamava Movimento Tiradentes, que nós logo apelidamos de “odontólogos de esquerda” [risos]. O Brandão [José Carlos Brandão], o Osiris, que morreu há pouco tempo e que teve um papel importante na Receita Federal, estavam lá para garantir que não estivessem perdendo um voto nesse dia. Aí o Antônio Carlos, que era malandro nisso, chegou para uns dos representantes e falou: “Suspendam um pouco a eleição aí, porque estamos querendo ter uma conversa para aceitar uma chapa única” o partido aceita, ele diz: “A gente faz uma chapa única com vocês: vocês dão a cabeça e nós damos as vísceras!” e foram para a murada do Flamengo conversar. Enquanto isso se votava lá dentro para o DCE sem a presença deles. Foi assim que a Liana se elegeu para o DCE da UB [Universidade do Brasil].

Quando começou a campanha da legalidade, tinha um rapaz que depois o pegamos com dois agentes do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social]. Um se chamava Paulo César Milani, isso já comprovado, e o outro se chamava Vacite não lembro qual é o primeiro nome dele. O Paulo César atuava aqui e o Vacite lá.

Marieta: Ele [Vacite] era uma figura que circulava em volta do Eremildo.

Marly: Eu não sei. O Paulo César Milani foi de tudo quanto é organização de esquerda que você pode imaginar! O outro eu não sei, porque ele não era da Faculdade, o Paulo César era. Depois se viu que ele era do DOPS e ele não negou.

Mas nós tínhamos, então, essa atividade muito grande. Eu acho que, então, ocorre aquele problema do levante dos sargentos em Brasília em 1963. Em 1961 ocorreram as eleições da UNE com Aldo Arantes, foi o primeiro Congresso do qual participei e em 1962, quando nós estávamos nos fortalecendo, foi eleito o Vinícius Caldeira Brant, o Congresso foi em Quitandinha, e nesse ano já houve uma turma que passou metralhando a porta do Quitandinha. Mas foi uma questão esporádica.

Marieta: Nesse período de 1961 e 1962, ainda que houvesse esse crescimento do Partido Comunista, dos vários grupos de esquerda e de toda essa mobilização política, ainda havia certo compromisso, digamos assim. Porque o Eremildo financiava a Revista de História. No próprio depoimento do Pedro Celso, ele relata que o Eremildo financiava a revista e que ele ainda não havia, digamos, declarado uma posição radical. Além do mais, ele tinha sido eleito duas vezes para diretor da Faculdade Nacional de Filosofia por voto dos colegas de esquerda, inclusive do Partido Comunista.

Marly: O Eremildo vai entrar em 1963, você verá por quê. Até então nós estávamos crescendo. Embora batêssemos muito de frente com a direção do Partido, por acharmos que eles queriam se meter demais, mas nós fomos um reflexo de algo que aconteceu com o partido também. O crescimento chega a um ponto em que nós achamos que chegamos até onde tínhamos que chegar, que aquele era o ponto de radicalizar mesmo, porque já estávamos mais do que consolidados. Então, eu acho o ano de 1963 muito importante, porque, vendo o jornal do Partido, o *Novos Rumos*, desse período, você começa a ver a radicalização, no sentido de não se tratar mais do apoio ao Jango, mas contra a conciliação do Jango, que estaria na hora de cobrar que ele tomasse uma firme posição. O Prestes, nessa ocasião, chegou a dizer que não estávamos no governo, estávamos no poder. O Jango era um homem muito afável e ele recebia o movimento sindical e dava muita força. O movimento sindical, e isso é um fato importante, apesar de serem líderes não inventados, eles não foram metalúrgicos que só trabalhassem três ou quatro meses. Você pega Osvaldo Pacheco, que era presidente da CGT [Comando Geral dos Trabalhadores], Hermes Correia, Luiz Tenório de Lima não eram inventados. O Hermes Correia acabou no PFL [Partido da Frente Liberal], o Tenório acabou

apoiando o Quércia e eu me lembro do entusiasmo do Pacheco por ser recebido no Palácio pelo Jango, sair abraçado com ele, bater nas costas dele. Havia, realmente, no Partido um sentimento de que estávamos muito fortes e consolidados e não era a primeira vez que isso acontecia, lembro que em 1947, quando alertam que iam fechar o Partido, o Prestes dá uma entrevista e diz que eles não têm mais força para fechar o Partido, tinham fechado a Juventude Comunista (que até o Apolônio de Carvalho era responsável) e, no dia seguinte à entrevista, fecham o Partido. Não estou dizendo que a responsabilidade seja única dele não.

O ano de 1963 é, portanto, de má política do Partido e, principalmente, do Movimento Estudantil, porque a gente quando é jovem tende a radicalizar mais. Isso vai coincidir internacionalmente com a briga entre a União Soviética, a China e a Albânia. Quem era mais radical se dizia chinês. Eu me lembro de que eu andei uma vez na filosofia com [inaudível] debaixo do braço. Vocês imaginem, eu não leio um caractere chinês, mas estávamos muito entusiasmados com isso. Por outro lado, havia também a Revolução Cubana, que é outro evento pelo qual eu tenho a maior admiração, mas os cubanos deram muito para trás no início da revolução deles. Eles tinham uma frase “Só é revolucionário quem faz a revolução!”. Nesse ponto, o Partido sempre foi muito correto, nunca fez críticas abertas. Então, toda essa movimentação foi fazendo com que nós achássemos que já tivéssemos chegado ao topo, ao céu. Por outro lado, a direita estava se organizando, e nós não prestamos atenção nisso. A UDN [União Democrática Nacional] em 1945 tenta ganhar o poder com o Brigadeiro [Eduardo Gomes] e é derrotada e, pela segunda vez, em 1950, lança o Brigadeiro e é derrotada. Em 1955, ela foi derrotada outra vez. Para vocês terem ideia da minha posição, em 1955 foi a primeira vez que eu votei, votei em Juarez Távora e Milton Campos com medo de que o Juscelino fosse apoio dos comunistas, porque isso era o que se dizia antes de eu casar. Então a UDN perde, ela está sempre perdendo. Quando, em 1960, ela consegue eleger o Jânio, ela achou que tinha chegado onde tinha que chegar, mas o Jânio renuncia. A UDN já tinha tentado impedir a posse do Juscelino, o Lott que foi quem deu grande visibilidade a ele no 11 de Novembro de 1955, por isso o Partido apoiou o Lott. Mas com a renúncia de Jânio, a UDN não se conforma e começa a se preparar para o golpe. No dia 1 de abril de 1964, quando eu e Aloísio Teixeira estávamos atravessando a Presidente Antônio Carlos para ir para a Terceira Zona Aérea falar com o Brigadeiro, eu

disse a ele a seguinte frase: “Eu nunca imaginei ver a Revolução Socialista no Brasil!”, isso foi no dia 1 de abril de 1964!

Marieta: Como foi a CPI [Comissão Parlamentar de Inquérito] da UNE e a questão do conflito na filosofia em 1963.

Marly: Em 1963, nós lançamos, se não me engano, o Amilton como candidato da UME. E ele ia para as escolas, em frente de freiras, dizer: “Eu me apresento como candidato marxista-leninista!”. Evidentemente, ele perdeu. E, na filosofia, pela primeira vez em dois anos, nós tivemos uma chapa contra nós. E a votação foi muito apertada. Então, essa radicalização burra que fizemos no ano de 1963, nos isolou. Porque nós não nos demos conta dos outros fenômenos que estavam acontecendo. Por isso que eu acho que a Filosofia foi um reflexo da política nacional. Aí entra a questão do Eremildo, ele não era o nosso inimigo. O que ele queria era ser o reitor da Universidade do Brasil. Ele queria tirar o Pedro Calmón ou substituí-lo. Ele era diretor daqui e queria substituí-lo. E nós resolvemos o seguinte: se o Partido Comunista pedir um governo nacionalista e democrático, nós tínhamos que exigir da filosofia um diretor nacionalista e democrático. A briga começou daí. Eu me lembro de subir ao gabinete do Eremildo e chamá-lo porque a polícia queria entrar na Universidade e o Eremildo descer e dizer: “Aqui só entra professor e estudante, polícia não põe o pé aqui dentro!”. Mas, com essa posição, nós conseguimos, inclusive, compatibilizar com ele. E provocamos, viu. Porque éramos bons nisso. Aí ele extrapolou, foi para a direita mesmo. O que ele fez com a Maria Yedda foi imperdoável.

Bom, retomando, no ano de 1963, teve duas greves gerais. Uma foi geral, enquanto a outra nem tanto. Uma foi em julho e a outra em outubro. Teve, também, a Revolta dos Sargentos. Você vê que está havendo um clima de radicalização. A palavra de ordem de Francisco Julião era “Reforma agrária, na lei ou na marra!” e a gente vivia gritando isso. O Walter Benjamin tem uma frase, que eu até cito no meu livro, em que ele diz: “Quanto mais incompetente você é, mais você radicaliza nas palavras”. Não era o que nós estávamos fazendo.

Marco Aurélio: A Revolta dos Sargentos de que você se refere é qual?

Marly: A de Brasília.

Marco Aurélio: Ah! Não foi a da marinha não?

Marly: Não, a Revolta de Sargentos é a de Brasília.

Em 1961 tinha havido outra eleição muito importante, para governador do estado da Guanabara, era Lacerda e Sérgio Magalhães. Um teve trinta e cinco por cento dos votos, enquanto o outro teve trinta e três, ou trinta e quatro. A diferença foi mínima. Nosso candidato era o Sérgio Magalhães. Nós não suportávamos o Lacerda. E, quando houve a colação de grau em 1963, rachou também. Até então nunca na História da Filosofia tinha havido mais de um paraninfo, que era o doutor Anísio Teixeira. Foi quando o curso de jornalismo escolheu o Lacerda como paraninfo e nós não podíamos aceitar uma coisa dessas.

Maria Paula: Quem era o outro?

Marly: O Anísio Teixeira era de toda a Filosofia e o curso de jornalismo rachou. Eles queriam o Lacerda.

Eu quero dizer o seguinte: eu fiz o primeiro ano, passei para o segundo em 1962 com dependência em História Antiga. Em 1962, eu não pude cursar, isso será importante mais tarde, porque o horário do meu trabalho bateu com o horário da filosofia.

Marieta: Você era professora primária na época...

Marly: Eu fui falar com o secretário de educação que tinha sido meu professor no instituto, Antônio Carlos – esqueci o sobrenome – e ele me disse: “Não temos o menor interesse nas professoras primárias que se formam na universidade, porque elas vão abandonar o curso primário e vão nos deixar”, então eu não fiz a faculdade em 1962. Quando voltei em 1963, para fazer o segundo ano, em dependência em História Antiga, foi quando fui colega do Ciro Flamarion. Aliás, tem uma história muito engraçada que o Ciro lembra: no primeiro dia de aula foi a Catarina, porque ela continuou, tinha um colega nosso que era homossexual e aberto, não escondia, e a Catarina estava lá fazendo a chamada e falou o nome dele “senhor Pérsio, da Pérsia?” e ele levantou e disse assim: “Roma decadente!” [risos] O Ciro gosta muito de lembrar esse fato até hoje. O Pérsio foi perseguido, depois o Paulo Lobo que também era de Ciências Sociais nessa época. Para vocês verem como éramos sectários, na direção do Partido tinha Salomão Malina,

e o restaurante da Filosofia era muito bom, então, se você comparasse com o Calabouço, era cinco estrelas e o Malina veio nos perguntar se conseguíamos para ele a carteirinha para ele comer no restaurante, porque os funcionários do Partido ganhavam uma miséria. Aí o Pedro Celso disse a ele: “Para comer nesse restaurante, meu filho, só estudante, faça concurso!”. Ele fez e passou. Foi aluno aqui nas Ciências Sociais. Na época, inclusive, o Wilson Nascimento Barbosa estava num sectarismo doentio - ele, inclusive se afastou do Partido nessa ocasião – e fez com que todos nós da filosofia fizéssemos um relatório das nossas atividades, dizendo o que fazia e o que não fazia. Porque cada aluno da filosofia tinha um escaninho.

Vocês sabem onde era a Faculdade de Filosofia? É onde era a Casa de Itália, que foi devolvida quando os estudantes tomaram da Itália na época do fascismo, assim como tomaram a UNE, porque era o Clube Germânia, e em 1964 devolveram. Nessa época, do racha com o jornalismo o DOPS já imaginava que ia acontecer alguma coisa. Então veio o DOPS e uma turma do Partido e, assim como quem não quer nada, ficaram rodando a Filosofia de um lado e do outro. Até uma hora em que o DOPS bobeou, foram comer sanduíche no Bob’s que ficava perto, aí o pessoal entrou e trancou a Filosofia. Como tinha muita gente do CPC, vocês não podem imaginar, foi belíssimo! Foi, então, juntando gente. Começaram a chegar as madames, que a gente chamava de “as mal amadas do Lacerda”, que eram as mães do pessoal do jornalismo. Nunca ouvi tão baixo calão na minha vida! O que elas xingavam lá para cima, para a gente, porque não as deixávamos entrar. Porque foi o dia da Colação de Grau do jornalismo com o Lacerda como paraninfo. Aí chegou o Lacerda com a sua turma, aí o pessoal de cima gritava assim: [cantarola] “Só com vestibular! Só com o vestibular! Só com o vestibular que o Lacerda pode entrar... E se passar! Só com vestibular! Só com o vestibular! Só com o vestibular que o Lacerda pode entrar! Lacerda trouxe o clube da lanterna, trouxe todas as mal amadas, trouxe toda a nação. Comeu trinta caixas de banana, fez discurso para bacana, mas o povo disse não. Queixou-se na embaixada americana: ‘isso é coisa de Havana, de Pequim ou de Moscou’. E o povo apoiava os estudantes, perguntava a todo o instante, não entrava e não entrou!” Aí o pessoal gritava: “Só com o vestibular!”. Olha, vocês não imaginam o ódio do Lacerda, cercado e comendo banana, porque trouxeram banana para ele comer [risos]. Vocês quando forem fazer um negócio desses, que foi maravilhoso, pensem nas consequências. [risos] Por quê? Veio um pessoal do coronel que era o comandante da PE [Polícia do Exército], conseguiram afastar o

Lacerda e que todos nós conseguíssemos sair em paz. Não houve pancadaria. Mas a Faculdade foi fechada, após a confusão. A conclusão é que o golpe de 1964 pegou a Faculdade ainda fechada. E, dentro da faculdade, os nossos escaninhos com aquele relatório, foi o material que deu base ao processo da filosofia.

Esse período prova que nós não estávamos entendendo muito o que estava se passando. Quer dizer, todos se apoiavam no fato de que tínhamos chegado ao poder e no famoso esquema do Jango, naquela crença do Jango nos militares que garantiria qualquer coisa. Há vários acontecimentos no início do ano: no dia 3 de janeiro de 1964 o Prestes foi entrevistado no programa “Pinga Fogo”, que tinha num canal de televisão que não me lembro agora. Era, inclusive aniversário dele. Quando foi entrevistado, ele lançou a seguinte palavra de ordem “Constituinte com Jango”. Não era uma palavra de ordem golpista, o que ele queria dizer é que se devia fazer primeiro uma Assembleia Nacional Constituinte, porque era preciso rever a Constituição, e a partir daí você deixa o presidente da República que, no caso, era o Jango. Isso foi apanhado como um exemplo de golpismo dos comunistas. Nessa mesma entrevista, ele deu uma resposta brilhante. O entrevistador disse assim: “O senhor está aqui, falando numa televisão importante, falando para o Brasil inteiro. Se o Lacerda fosse a Moscou, ele teria a oportunidade de estar na televisão falando?” e o Prestes disse: “De jeito nenhum! O socialismo criou um país justo! Em Moscou, ele estaria na cadeia que é o lugar de onde ele nunca devia ter saído!”. Mas isso pegou muito mal. Aí vem o 13 de março que foi o Comício da Central do Brasil. Belíssimo! Mas foi chamado, com muita propriedade de “Comício das lavadeiras”, porque só tinha tanque e trouxa, porque, para nos proteger, o Comício foi cercado pelos tanques do Primeiro Exército. A entrada da Petrobrás foi belíssima. Até pegou um pouco das faixas da Filosofia, pedindo legalidade para o PCB. Houve um momento de pânico, uma correria danada. Eu tenho a impressão de que nesse comício o Jango já estava achando um pouco que a situação poderia ser controlada, porque ele cedeu muita coisa nesse Comício. Porque nesse momento a divisão já era muito grande. Em outubro de 1963, o Jango já tinha pedido Estado de sítio e depois recuou e a divisão do Movimento Estudantil, os rachas, começaram nessa época. Não formando propriamente o PCBR [Partido Comunista Brasileiro Revolucionário]. Tinha AP, nós, a POLOP que era a Política Operária, mais ligada aos trotskistas, mas eu via muita gente da outra esquerda. Tínhamos um colega aqui, que era um exemplo disso, chamado Elias Mansur Filho, ele era do Acre, morreu muito jovem,

não tinha nem trinta anos ainda. Mas o Elias estava com aquele alto sectarismo de esquerda e falava assim para mim: “Você, quando tiver a Revolução vai ser a primeira a ir para o paredão”! Porque essa turma achava que o Partidão era de extrema-direita e que estava fazendo o mal. E nesse Comício do 13 de Março, eu percebi o Elias e outros entusiasmadíssimos com o Jango, falando: “Agora sim. Agora, ele abandonou a conciliação!” e o Jango assinou uma série de decretos pífios. Porque os governos, desde as guerras dos bárbaros no século XVII, aumentavam e inventavam história, quando disseram que os índios estavam ligados aos holandeses, depois estava ligada aos monarquistas franceses... Depois, os comunistas de 1935 a Moscou. O Jango assinou a Reforma Agrária, mas foi uma Reforma Agrária ridícula! Na beira das estradas. O que mais mexeu com a população foi o Decreto dos aluguéis que ele assinou. Agora, se você pensar que Portugal salazarista e a Espanha franquista nunca mexerem no tabelamento dos aluguéis, aí você vê como foi impressionante. Aquilo foi um Deus nos acuda! Esse pessoal das camadas médias ficou muito irritado com o governo. E qual era a alegação? A corrupção do Governo Jango. Se você parar para comparar a corrupção daquela época com a corrupção de hoje, olha, chega a parecer brincadeira. E a famosa acusação de República Sindical-Comunista da qual ele não tinha nada a ver! Eles sabiam disso. Como sabiam em 1937 que os comunistas não ameaçavam nada e estavam todos na cadeia. E, ainda sim, eles dão o Golpe de 1937 porque haveria uma Revolução Comunista a vias de aparecer.

No dia 25 de março, há três episódios. Houve a Revolta dos Marinheiros do Sindicato dos Metalúrgicos, eu não estava lá, estava trabalhando nesse dia, mas contam que foi uma das coisas mais comoventes que já se viu. Vocês sabem nas reivindicações dos marinheiros não havia nenhuma reivindicação política. Nenhuma! Eles queriam a associação deles. Queriam poder andar sem farda na rua. Eles queriam casar, porque não podiam. Então, viviam amigados, então, quando morriam, a mulher não tinha direito a nada, nem os filhos. Porque não tinha aquela lei de que se viveu durante 5 anos, viveu maritalmente. Não tinha nada! A reivindicação deles era essa e foi muito bonito, porque quando o exército chegou para atacar os marinheiros, eles começaram a cantar o Hino da Marinha, o Cisne Branco, que é belíssimo! Enquanto eles iam cantando, os soldados iam jogando as espingardas e aderindo aos marinheiros! Realmente, foi belíssimo! O que foi ruim é que exigiram outro ministro da Marinha, o Jango passa por cima da hierarquia militar, atende os marinheiros, lhes dá anistia e elege

Paulo Mário, Almirante, como ministro da Marinha. Ele, além de tudo, era mulato, deve ter sido um horror para a Marinha. Imagine o ministro da Marinha mulato! No dia 25 de março, coincidiu o aniversário do Partido Comunista e o aniversário de *Novos Rumos*, neste eu estava e o Prestes fez um discurso, tinha um boliviano do meu lado, morrendo de inveja da gente dizendo: “Quem me dera que a Bolívia estivesse nessa situação!” porque eu me lembro bem do que o Prestes disse: “A reação não tem mais vez nesse país. Se ela levantar a cabeça, nós a esmagaremos!” e deu um soco na mesa. No Rio, tudo levava a crer que nós tínhamos um poder, uma mobilização de massa muito grande. Nós não nos demos conta de duas coisas: as duas greves que nós tínhamos colocado e que tinham fracassado em 1963 e o fracasso do Jango com a declaração do estado de sítio, do qual ele teve que recuar. Nós não percebemos que a reação estava se organizando, não percebemos nada disso! Estávamos ainda exigindo do Jango que ele tivesse uma posição mais radical. Nós tínhamos aqui na nossa turma de Filosofia o Antônio Prudente, eu nem sei que fim levou o nosso colega, alguém disse que ia votar no Juscelino em 1965 e ele disse: “Que vergonha!” era de direita votar no Juscelino em 1965.

A reação já começa na UNE, em 1963, seria outro indicativo. Foi em São Bernardo do Campo, quando nós chegamos lá, a cidade estava toda pichada com obscenidades, desenhos obscenos dizendo: “A UNE vem aí!”. Eram frases e desenhos obscenos. Logo no primeiro dia, jogaram uma bomba dentro do Congresso. Aí, nós pedimos ao governador de São Paulo que nos garantisse. Ele resolveu nos garantir, mas foi uma verdadeira provocação, ele cercou o Congresso, colocou polícia para todo lado. Você, então, só entrava com identidade. De um lado, mulheres e, do outro, homens. Mas não houve mais problemas. Nesse dia 01 de abril, na véspera, de 31 para 01, já tinha sido forjado o CCC [Comando de Caça aos Comunistas], do qual Boris Casoy fazia parte. Tem a foto dele lá. Então, eles passaram pela UNE e metralharam a porta e o Sérgio Campos foi atingido no pé. Ele era presidente de alguma organização. Eles já tinham passado duas vezes pela Filosofia atirando. Aí nós tínhamos pedido ao Brigadeiro Teixeira, comunista e comandante do Terceiro Exército que nos ajudasse. Nós estávamos preparados para a luta! Que ele colocasse militares lá dentro para que nos ensinasse algumas instruções militares. Ele mandou doze sargentos para lá, nisso, inclusive, morreu um rapaz, chamado Antônio Carlos, porque foi mexer numa arma e ela atirou nele. Foi, realmente, um acidente. Foi quando vieram me avisar que o Lacerda

estava no Palácio Guanabara organizando milícias para atacar a UNE, a Faculdade de Filosofia e o CACO. Seriam os três pontos onde ele iria atacar. Então, o que fiz? Fui com o Aloísio dizendo: “Vamos pedir mais armas ao Brigadeiro, porque é disso que estamos precisando!”. Eu tinha uma 45 que eu não me lembro de onde surgiu, e o Aloísio com uma 38. No caminho, nós encontramos o Brandão que era do Movimento Tiradentes do CACO. Ele estava com outra pessoa e nos disse: “Vocês sabem que o Adalberto - que era do Correios e Telégrafos e que tinha uma posição importante – já está em Brasília?”. Nós duvidamos um pouco. O único que se manteve firme nesse momento foi o Almirante Aragão. No caminho da Filosofia para a Terceira Zona Aérea, passamos pelo Sindicato dos Metalúrgicos e estava Laerte com eles, com a mão na cabeça dizendo que a CGT tinha feito vários apelos à greve e que nenhum tinha sido respondido. Aí nós chegamos na Terceira Zona Aérea e entramos, porque o Aloísio era filho do brigadeiro, se não, a gente não entrava e, quando chegamos lá, o brigadeiro nos disse: “Vocês se desfaçam dessas armas e vão embora. Estou esperando aqui para ser preso.” Já tinha descido o Olímpio Mourão Filho, foram chamadas as tropas de Petrópolis, que eram tropas de direita. Petrópolis, uma cidade muito de direita, muito integralista naquela época. O Brigadeiro queria, pelo menos, sobrevoar a tropa do Mourão que estava vindo de Minas - não vale a pena especular o que teria sido se tivesse feito isso – e o Jango deu contra, disse: “Não, não quero derramamento de sangue!” e proibiu. Muita gente diz, até hoje: “O Brigadeiro devia ter ido, ele era membro do Partido!”. Mas ele não foi.

O que eu ia dizer é que tinha saído, em São Paulo, a “Marcha com Deus, pela Família e pela Liberdade” e nós – a burrice humana é sem limites – ficávamos olhando a foto central que saiu no Cruzeiro e estava assim ó [cheia] a Marcha da Família, ficávamos olhando e dizendo: “Olha só, olha como esse aqui está de chapéu. Olha esse aqui como está bem vestido!”. Quer dizer, é vontade de se enganar. Esse dia 01 de abril - porque o golpe, aqui, só foi no dia 01 de abril - foi o segundo pior dia da minha vida. Porque quando me avisaram que o Lacerda estava se organizando para atacar e que não tínhamos nenhuma condição de responder, estávamos eu e o Sérgio Otero Ribeiro, fomos a UNE dizer: “Saíam daí, porque o pessoal vai atacar!” e o [inaudível] me mandou embora e que os movimentos de base e de campo não tinham nada a ver com a UNE. Fui embora. Depois saíram de lá correndo pelos fundos.

Então, qual foi a minha ideia? “Se o Primeiro Exército está conosco, se ele é fiel ao Jango, então, vou concentrar todo mundo no CACO, porque ele é ali na Praça da República, na Rua Moncorvo Filho, bem perto do Ministério da Guerra”. Aí organizamos grupos de cinco para sair da Filosofia e irmos para o CACO, o pessoal da Praia Vermelha também. Todo mundo se concentra no CACO. Como eu estava organizando, eu fui a última a sair. E estava no carro com o Sérgio. Quem também estava no carro e que é uma pessoa que vocês podiam ouvir, porque teve muita atuação, embora só tenha feito um ano de matemática na Filosofia, é o João Guilherme Vargas Neto. Ele está em São Paulo. João Guilherme estava sentado atrás. Nesse momento, entrou o manifesto do Mourão num dos rádios todos. Eu me lembro que eu disse: “A situação está mudando!” e o João Guilherme me agarrou por trás e disse: “Não seja boateira! Não é nada disso!”. Quer dizer, as pessoas se recusavam a acreditar.

Marieta: Até o último momento!

Marly: Até o último momento não se acreditava. Quando chegamos na Praça da República que estava assim [cheia], no Campo de Santana, o pessoal estava todo no CACO e eu falei: “Eu vou para o CACO!”. Chovia, tinha uma chuvinha fina e eu estava com aquele sapato do tipo bailarina, que escorrega muito. Fomos eu e o Ricardo [inaudível], que era da medicina, um grande violinista. Entramos pela Moncorvo Filho. Quando estávamos entre a Praça da República e o CACO, veio a polícia do Lacerda. Vocês não podem imaginar! Eu me lembro da cena: eram três trogloditas na frente, com bombas na mão. Quando nos viram, porque vinha gente atrás, começaram com o cassetete: “Vai embora! Vai embora!”. Nós éramos os primeiros, passamos a ser os últimos. O Ricardo ainda me protegia: eu corria perto da parede e ele desse lado me segurando e aparando os golpes de cassetete. Quando chegamos, eu disse: “Pronto, agora eles vão massacrar o pessoal do CACO e fui eu quem reuniu todo mundo lá!”. Vocês não imaginam a sensação terrível que foi. Quando chegaram, começaram a jogar bombas dentro do CACO. Nesse momento, os tanques do Ministério da Guerra saíram para expulsar a polícia do Lacerda do CACO. Porque o oficial do dia do quartel general ainda estava do lado do Jango e expulsou a polícia do Lacerda de lá. Cercou o CACO e todos os estudantes saíram tranquilamente e sem problema, inclusive, a Flora estava grávida nessa época, e o gás já tinha tomado o primeiro e o segundo andares. Ficamos

na Praça da República para fazer um comício relâmpago e quem falava muito bem nessas ocasiões era a Raquel Teixeira.

Maria Paula: Rachel Teixeira Valença?

Marly: Não sei se virou Valença, depois que se casou. É uma moça bonita, fala muito bem. É sobrinha do Brigadeiro Teixeira, prima do Aloísio. Ela começou, então, a fazer um discurso e os soldados diziam: “Não pode falar! Não pode falar! Desce daí!”. E a Raquel dizia: “Mas nós estamos com vocês! Estamos com vocês!”. E eles: “Não pode falar! Não pode falar! Dispersa!”. E nos dispersaram. Aí nós voltamos, fomos pegar o carro. Já tinha o aterro nessa época, porque nós entramos por lá. Só podia passar botando lenço branco no carro e, aí, descia. Foi antecipada a Marcha da Família, do Rio de Janeiro. Aqueles carros conversíveis e, como se diria hoje, aquela garotada bombada pararam na porta da UNE e tacaram fogo nela. Agora, a tragédia, para mim, não foi terem tacado fogo na UNE, e sim o fato de que a Praia do Flamengo inteira [ênfase] aplaudia e jogava papel picado, quer dizer, isso mostra o nível da nossa derrota. Disseram que teve uma família nos fundos da UNE, porque eles saíram pelos fundos, que disse: “Vocês hão de voltar! Vocês hão de voltar!”, mas na Praia do Flamengo inteira era papel picado e aplausos por tacarem fogo na UNE. Aí acabou-se! Fomos para casa. Acabou-se o nosso carnaval!

Marieta: Você voltou para a Faculdade Nacional de Filosofia logo depois?

Marly: A Faculdade estava fechada. Eu quis me manter na legalidade enquanto podia. Continuei trabalhando. Eu trabalhava em Ramos, nessa ocasião. Fui detida lá duas vezes depois de 1964. Quando abriram a Faculdade, eu fui me matricular e o Eremildo negou a matrícula. Eu pedi transferência, ele negou a transferência. Eu não fui expulsa, como aquele grupo não, mas ele não me deu matrícula, nem transferência, não me deu nada! Ele também não me permitiu trancar a matrícula. O filho dele – que acho que depois romperam relações, porque a Neide me disse que nem no enterro do Eremildo eles foram – era de Biologia e patrulhava a Universidade de metralhadora em punho, na antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Durante o ano de 1964, eu trabalhava, tinha a atividade do Partido, nós tentávamos nos organizar. Nesse meio tempo, teve um episódio que acho que chegou a ser grotesco, porque dentro do Comitê Central havia uma turma, que depois vai formar a ALN [Ação Libertadora Nacional], com o [Carlos] Marighella à frente, que resolveu que ia levantar o país. Tinha o plano de levantar o

Forte de Copacabana, um batalhão de São Cristóvão e a Vila Militar. Então, qual era o sinal? Era o bombardeamento do Palácio Guanabara e o bombardeamento do Forte de Copacabana. Qual era a nossa tarefa, dos estudantes comunistas? Preparar o coquetel molotov. Você sabe o que é coquetel molotov? Porque quando estivesse na hora da briga, nós sairíamos na rua com o coquetel molotov. Para preparar o coquetel molotov, nós tínhamos que nos organizar. Éramos eu, o Salles, João Guilherme Vargas Neto, Fernando, que era de física. Ele era bem mais velho. Tinha, também, o Paulo Galvão. Aí que eu disse que foi um pouco grotesco. Nós achávamos que íamos morrer, porque ninguém ali tinha experiência com luta armada. O desespero atacou e foi todo mundo escrever carta de despedida para a família. O João Guilherme não saiu do banheiro. Porque, qual era o papel? Nós tínhamos 26 bases aqui no Rio de Janeiro. Então, eu estava ligada com cada secretária de organização e tinha a seguinte tarefa: Não sair do lado do telefone e armazenar garrafas, coca-cola não serve, porque é coisa do imperialismo [risos]. Nós íamos armazenar garrafas, porque a nossa tarefa era tomar os postos de gasolina, quando começasse a confusão. Nós passamos quinze dias nessa expectativa. E quando passava o avião a jato questionávamos: “Começou o bombardeio?” porque fazia aquele barulhão [risos]. Chegamos a fazer carta de despedida, fomos desmobilizados. Aí, realmente, começaram algumas discussões. A esmagadora maioria achava que era uma quartelada, que não passaria de seis meses. O Givaldo Pereira de Siqueira, do Comitê da Guanabara, deu dois anos. E essas foram as previsões mais pessimistas.

Eu continuei a trabalhar no ano de 1964. Quando fui presa pela primeira vez, que foi aquele retrato que eu te mostrei, que saiu na primeira página do *O Globo*. Em 1964, no dia 11 de outubro, eu me lembro da data, porque foi véspera da chegada do [Charles] De Gaulle ao Brasil e último dia do AI-1. Eu era funcionária estável do estado, então eu podia ser posta para fora, porque com o AI-1 você perdia a estabilidade. Bom, eu também fui presa lá em 1961, porque alguém cagoetou. Nós tínhamos uma série de documentos em três pontos – na minha casa; para a posse do Jango na casa da Lyana e um numa outra casa – e alguém contou para o tio, que era general que esse ponto da Lyana estava juntando material subversivo. A Lyana morava com a mãe e com uma irmã no Leme. Às seis da manhã, a polícia bateu na porta, a mãe dela abriu e disse: “O senhor não entre, porque aqui só tem mulher!” e a polícia recuou, mas eles tinham um cachorrinho chamado Rafael e ela gritou: “Rafael!”. Aí, pronto, a

polícia invadiu. Sentaram e ficaram sentados lá tomando um cafezinho e conversando. Chegou, então, o Mario Augusto da medicina para pegar o material que a gente ia distribuir. Ele chegou, pensou que fosse um parente, ou amigo, que estava sentado na sala conversando. Eles se cumprimentaram e Mario Augusto perguntou: “Cadê o material?”, encheu a bolsa e foi preso. Aí chegou outro rapaz que foi buscar material lá e que tinha o meu endereço, escrito: “Pegar material lá na casa...”. Eu morava na Rua Antônio Parreiras, em Ipanema e trabalhava na escola José Linhares ali na Rua Barão da Torre. Era uma verdadeira República. Morávamos eu e Salles, no outro apartamento moravam três e, no quarto dos fundos, outro. Eram companheiros nossos que estudavam na PUC [Pontifícia Universidade Católica] e moravam num subúrbio longínquo. Eu fui trabalhar, porque o rapaz não chegava, e deixei um bilhetinho na porta, em que estava escrito: “Estou na escola José Linhares na Barão da Torre. Me procure lá.” e descí. Quando eu abri a porta – aquele retrato que te mostrei foi desse dia – eu vi chegar dois carros da polícia e um cara falando: “Cerca os fundos! Cerca os fundos!” eles passaram por mim como se não fosse nada. Passaram por mim e eu parei e disse: “É a polícia, evidentemente. Evidentemente vão lá para casa e, se eles entrarem no apartamento, terá documento de todo mundo.” Aí voltei e, quando eu voltei, eles já estavam na minha porta. Aí é importante a cara de inocência número um. Eu disse: “Os senhores querem alguma coisa?” E eles responderam: “Ah! Estamos procurando a dona Marly” E eu disse: “Sou eu.” Eles disseram: “Nós soubemos que a senhora tem material subversivo aqui.” E eu disse: “Não, não tenho nenhum material subversivo.” Eles disseram: “A senhora pode mostrar?” Eu disse: “Posso”. O material que impedia a legalidade do Partido estava atrás do armário e como eu fui muito solícita [eles não revistaram tudo]. E o que a gente queria? A posse do Jango. E eles perguntaram: “Ah! Mas isso aqui é o Prestes?” Aí eu disse: “Não sei se é o Prestes, ou se não é. O que está na Constituição é a legalidade e vocês devem estar defendendo a legalidade constitucional.” Aí eles não tiveram resposta, mas levaram toda a coleção da *Novos Rumos* que eu tinha. Carregaram, também, dois livros: *O Estado e a Revolução*, do Lênin, e *Os oradores da Revolução Francesa*. Tem revolução, eles carregam. Agora, o mais pitoresco é que nós cantávamos no Congresso da UNE, para vocês verem como nós éramos pouco sectários, uma música que era assim: [canta em ritmo de *Jingle Bells*] “Sabãozinho, sabãozinho de burguês gordinho! Toda vil reação vai virar sabão! Sabãozinho, sabãozinho de burguês gordinho! Toda vil reação vai virar sabão! Para o bonequinho imbecilizado, esse é um

castigo do proletariado! Todo reaçã, carola ou [inaudível], nós reservamos bem esse destino. Sabãozinho, sabãozinho de burguês gordinho... ”. Aí a polícia pega a letra de ‘*Sabãozinho*’ e pergunta: “O que é isso?” E eu digo: “Ah! Isso é a música que eu canto com as crianças na escola primária.” Ele me devolveu imediatamente, ele não se deu conta. Ele não sabia o que era um burguês. [risos] Isso é para vocês terem uma ideia do entusiasmo em que vivíamos e do sectarismo também. Não tinha nenhum sentido uma música dessas.

Voltando a 1964, havia um delegado que eu tenho muita vontade de reencontrar. Não sei o que foi feito dele. Chama-se Jorge Marx. Quando eu tinha sido presa, eu disse: “Eu não fico aqui, isso é um absurdo!” porque alguém tinha dado o meu nome. E o meu pavor era que eles tinham uma lista de umas vinte pessoas para prender e eu era a primeira. Aí eu pensei: “se prendem outros, até ter provas de que não fui eu que falei...” Mas eles só prenderam a mim. Aí ele disse: “Eu vou mandá-la embora, mas a senhora terá que ser identificada.” E eu disse: “O que é isso? Vai me fichar? Não, não vou!” E ele disse: “Olha, eu estou lhe fazendo um favor.” Qual era o nome do chefe de polícia? Aquele que colocava limãozinho na calça e que, se o limão passasse direto, era porque era malandro, porque não podia usar boca de sino. Porque ele estava no Itamaraty para organizar a chegada De Gaulle. Aí o delegado dizia: “Quer um conselho? Vai logo que é melhor ir embora.” Aí eu fui. Protestando, mas fui. Nisso, a mulher, que era esposa do Serra, estava presa nessa ocasião e eles me diziam assim: “Disseram que você vai sair. Para a fulana nem disseram, ela está aí até agora.”, mas me soltaram. Eu fui embora para casa. E foi aí que eles soltaram aquele retrato. Depois, no dia 27 de novembro, olha a data, eles me prenderam. Mas dessa vez foi mais sério, porque tinha um outro José Salles que fazia parte de um grupo armado lá em Recife e eles o confundiram com o José Salles que era o meu companheiro. Quando eu chego no DOPS, o famoso major Boneger diz: “Pode encarcerar”. Nós temos que levar em conta, também, que estudante, intelectual e profissional liberal não eram maltratados naquela época, não. Eles foram em cima de camponês, operário, soldado, cabo e sargento. Esses foram massacrados. Conosco eles tinham muito mais boa vontade. Ele ainda me disse assim: “Quando a senhora chegar lá, mostre a sua carteira do Ministério da Guerra porque milico adora essas coisas.” Aí eu cheguei, tinha um tenente lá que me recebeu muito bem. Eu não tinha cara de subversiva, não sei que ideia eles faziam de subversiva. Foi, então, que eu tive uma desagradável experiência, porque o [Sérgio Paranhos] Fleury e o

Solimar [Adilson Aragão] estavam lá e o Fleury resolveu começar a me interrogar. Aí ele me perguntou assim: “Qual foi a sua trajetória depois que você saiu da OP [Organização Partidária] da Filosofia?” Aí eu respondi assim: “Se o senhor me explicar o que é OP da Filosofia, eu posso lhe ajudar.” Ele ficou uma fera! Aí ele fez uma porção de perguntas no papel, botou a resposta em várias e disse para o tenente: “Olha, pergunta que aqui está a resposta que ela vai dar.” E me disse assim: “Eu lhe levo para o CENIMAR [Centro de Informações da Marinha] e lá nós vamos ver se a senhora fala ou não fala.” Mas o tenente o mandou embora, disse que não tinha nada a ver com o Ministério da Guerra, com o Exército e eu tive a sorte de ser atendida por um outro primo, que era o coronel Vianna que descobriu que era meu primo do ramo do Rio Grande do Sul, o irmão dele é um historiador. Eu tive acareação com duas pessoas. Um chegou e disse: “É ela mesma!” e o outro chegou e disse que não me reconhecia. Empatou e eles disseram: “A senhora vai embora, mas não saia do país e etc.” Eu realmente não saí. Eu continuei trabalhando, mas no dia 15 de março de 1965 foi o dia que foi inaugurado o Fundão e o Castelo Branco ia inaugurar o Fundão. E nós não podíamos deixar passar em branco. Então, Marieta já ouviu a história, nós reunimos o Comitê Universitário, e dividimos tarefas. Todo mundo fazia braçadeira de luto, aquela tarja preta e mordaza também. A Química ficou encarregada de fazer fedor. Vocês estão tão pouco mobilizados que não sabem o que é isso. São umas ampolinhas de ácido, não sei de quê...

Marco Aurélio: Ácido Nítrico.

Marly: Ácido Nítrico. Você bota dentro de umas ampolas e bota no chão. Se você pisar em cima é pior do que gato morto. É um fedor que você não imagina! A Química ficou, então, encarregada de fazer as ampolas de fedor. Com a Medicina foi o seguinte: gastamos trinta contos de réis, compramos um macaco, e a Medicina ficou encarregada de dopar o macaco e pusemos a faixa presidencial nele, que era para, quando o Castelo Branco entrasse, entravam o fedor, o macaco e tudo. [risos] Só que, e isso acontece com gente também, quanto mais tranquilizante era dado para o macaco, mais excitado ele ficava. E o macaco fugiu. [risos] Não teve macaco, ele fugiu. [risos]

Maria Paula: Com a faixa?

Marly: Não sei se foi com a faixa, só sei que fugiu. Mas foi um escândalo. Se vocês pegarem os jornais do dia 16 de março de 1965, vocês verão na capa dois profissionais,

que hoje são superconceituados, um engenheiro, Mauro [Fernando Campos]- esqueci o sobrenome dele - e o outro é o Nei [Couto] Marinho, que é um psicanalista superconceituado. Eles estão no primeiro plano do *Jornal do Brasil*. Um terror porque eles estavam, todos, no último ano da faculdade. Imagine o pânico das mães, porque eles são expulsos.

Outro caso desses foi em março de 1962, nós estávamos pichando o Rio “Viva o quadragésimo aniversário do PCB”, e a polícia do Lacerda – o Jango estava, mas a Guanabara era repressão do Lacerda – pegou o grupo que estava fazendo a pichação. Estava o Pedrinho; estava o Rubens César; estava o Joel Rufino, se não me engano. O Antônio Carlos Pinto Peixoto era segurança. Quando ele viu a polícia chegando daqui, escapou por lá antes de avisar. A polícia pegou todo mundo. Quebrou a cabeça do Pedrinho e o Ailton Henrique da Costa, que estava no quinto ano de engenharia da PUC, foi expulso. E o Alcir, que estava no primeiro ano da Faculdade Nacional de Filosofia, foi expulso também. O Ailton perdeu todo o curso de engenharia. Ele foi para o Paraná depois e fez um curso de Economia, foi um brilhante engenheiro de transporte. Muito amigo do Saturnino Braga. E o Alcir depois refez um curso também, acho que foi de Ciências Sociais. Sei que ele estava fazendo na PUC. Nesse dia, a polícia bateu na casa da minha mãe, meus filhos moravam com ela nessa ocasião, no Leblon, e a polícia parou um camburão, isso foi no dia 16 de março, e ficou até outubro. Eu tive muita sorte, porque esse era o meu endereço que a Filosofia tinha. Minha mãe morava ali e a polícia não sabia o meu endereço. Meu irmão e minha irmã, que era casada com o Leandro, estavam lá. E eu precisava telefonar, porque nós tínhamos uma reunião da base de estatística nessa noite. Só que a minha mãe ainda não tinha telefone e o bar da esquina era um boteco. E naquela época, é outra coisa que vocês não têm nem notícia, mulher saía na rua, era um inferno. Aqui no Centro da Cidade, em qualquer lugar, era piada o tempo todo. Umas muito engraçadas, enquanto outras eram muito grosseiras. Por isso, eu não gostava de ir a essa hora nesse bar sozinha e pedi ao meu irmão: “Vai telefonar comigo?” e ele disse: “Espera eu tomar banho.” Cheguei eu, chegou a polícia. Eu fiquei esperando o meu irmão e a minha mãe saiu com a minha irmã. A polícia achou que fosse eu e foi atrás da minha irmã. Ela morava em Ipanema, ali perto da Rua Garcia D’Ávila e ela não se deu conta. Veja só os detalhes: quando ela entrou no edifício, ela viu que uma pessoa correu para pegar o elevador e segurou o elevador. A pessoa entrou de cara feia e nem agradeceu. E foi isso que chamou a atenção dela. Ela

chegou e disse ao Leandro: “Acho que a polícia está me seguindo.” Aí o Leandro abriu a porta e estava ele lá. Ele perguntou por mim e ele disse: “Não, ela não mora aqui não.” Aí ele voltou correndo para o Leblon, mas eu já tinha saído e, depois, o meu irmão foi me avisar. Foi nesse momento que eu entrei para a clandestinidade. Não dava mais para eu continuar na escola, porque veio aí um aviso do Jorge Marx de que agora a barra estava pesada para o meu lado. Quando foi em junho de 1965, eu fui agraciada com um retrato na primeira página do *O Globo* dizendo que eu era ligada à espionagem soviética, que era uma base chefiada por mim e pelo Salles na Faculdade Nacional de Filosofia. Depois me disseram que isso foi uma provocação da Embaixada Alemã, porque o embaixador que eles citam já tinha saído há dois meses do Brasil. Não deram continuidade, saiu nessa reportagem, um retrato meu na primeira página, a página do meio toda falando sobre isso. A partir daí, o Partido achou que eu devia me afastar, porque não fazia sentido com a polícia em frente à casa da minha mãe, meu retrato na primeira página do *O Globo*, então eu saí para Moscou por dois anos, fiz um curso lá na Escola de Ciências Sociais que depois virou a Fundação Gorbachev. Quando eu voltei em setembro de 1967, a situação aqui parecia que ia se tranquilizar. Alguns colegas chamavam da época do refrigério, porque era Costa e Silva, a situação estava bem mais tranquila. As pessoas se movimentavam. Aqui houve a Passeata dos Cem Mil, em junho. Então no final de 1967 e o ano de 1968, tinha havido os festivais. Parecia que o movimento de massa teria uma oportunidade de se movimentar mais. Aí veio o AI-5[Ato Institucional nº5], eu lembro desse dia, ganhei uma aposta, porque eu apostei com a direção do Partido que o movimento não ia dar licença para processar o Marcio Moreira Alves e, imediatamente, veio a leitura do AI-5 e a barra pesou, como se diz. Eu fiquei na clandestinidade até final de 1974.

Marieta: Você ficou no Brasil?

Marly: No Brasil.

Maria Paula: Nesse período em que você esteve na clandestinidade aqui no Brasil de 1967 e 1974, como era a sua vida? O que você podia fazer? Era uma vida inteiramente dedicada à discussão política dentro do Partido?

Marly: Inclusive eu saí do Movimento Universitário. Foram o Aloísio Teixeira e o João Guilherme que ficaram responsáveis pelo Movimento Universitário. Eu fiquei, em 1967, dando assistência a algumas bases operárias. Uma era a GE, que foi uma coisa

que me comoveu muito. No dia 24 de dezembro, eles vieram me encontrar e me levaram de presente um chaveirinho e o Partido me dizia que eram quarenta militantes na Base da GE quando, na verdade, tinha três, um doente. Outra era a Metal leve, a outra base metalúrgica, mas isso foi por pouco tempo, de 1967 e o período de 1968. Depois que veio o AI-5, ficamos eu e o grupo responsável pelo que eles chamavam de Assessoria do Comitê Central trabalhando ajudando no desenvolvimento, discutindo. Bom, nesse meio tempo não dá tempo de contar, fica para outra vez, inclusive, esse depoimento está feito na UFF [Universidade Federal Fluminense] e no CEDEM [Centro de Documentação e Memória da UNESP] de São Paulo. Porque, em 1972, o Comitê Central me encarregou de ficar responsável pelo arquivo do Astrojildo [Pereira]. Salles e eu arranjamos um lugar em São Paulo e chegou o arquivo do Astrojildo, eram 72 caixotes. Aqui não dá tempo para contar as peripécias, em determinado momento eu tinha certeza que o arquivo ia cair. Eu disse que eu tive dois piores dias da minha vida e o segundo foi esse, porque a polícia bateu lá. Conseguimos salvar o arquivo todo. Ele foi para a minha casa. Eu morava num sobradinho, ficava quinze dias no Rio e quinze dias em São Paulo. Era um sobradinho lá no Brooklin, eram cinco casas iguais. Numa delas morava um tenente da OBAN [Operação Bandeirantes] que já tinha ido lá em casa umas duas vezes. Eu o fazia entrar, ele tomava um cafezinho, porque na sala, evidentemente, não havia nada que ele podia achar subversivo. Me lembro que ele foi lá contar que a filha dele foi a primeira criança a fazer propaganda na televisão. Eu não lembro de que, ela entrava com um garotinho, ele falava qualquer coisa e ela desmaiava.

A Anita [Prestes] nunca foi para a clandestinidade, teve um período em que ela trabalhou em São Paulo e ficava clandestina, agora, no Rio não. Sexta-feira quando eu estava no Rio e ia para a casa dela, onde ela mora até hoje, na Voluntários da Pátria. Mas, quando a situação apertou em São Paulo, ela resolveu deixar o país. Foi lá para a casa e nós tivemos uma discussão e eu fiquei chateada com ela e resolvi vir para o Rio. Ela ficou lá com o Salles. O sobradinho era assim: embaixo era sala e cozinha e, em cima, tinha dois quartos, no quarto dos fundos, que dava para o quintal, dormia a Anita e o quarto da frente era meu e do Salles. Eu era muito amiga da Anita, tenho muito carinho por ela. A Anita estava ficando muito surda, ela operou na União Soviética, e o Salles saiu e esqueceu a chave. Quando voltou, como é que ele ia entrar? Nos fundos do sobradinho os cinco quintais eram quase que um só, separados por uma mureta muito pequenininha. O Salles começou, então, a jogar pedrinhas na janela para ver se ela

acordava e nada dela acordar. De repente começa aquela gritaria: “Socorro! Ladrão, socorro!” O tenente quase que atirou no Salles, porque ela fez um escândalo. E o Salles assim: “Sou eu, Tânia!” que era o nome de guerra dela. Bom, entre mortos e feridos, salvaram-se todos. Não houve problema, ela viajou.

Quando houve o episódio do arquivo em setembro, aí a barra ficou muito pesada mesmo. Já tinha havido o racha no Partido, a ALN, essa coisa toda e o Salles era do Comitê Central e da Comissão Executiva e a perseguição toda a ele era muito grande. Então a ordem foi de que ele saísse de São Paulo. Nesse dia que acabou de chegar o material, tinha o quintal e um quarto dos fundos muito grande, eu botei todo o arquivo lá. Aí sentei em cima e comecei a chorar, porque, realmente... “E agora? O que eu faço com esse material?” Me lembrei, então, rapidamente, de que uma vez o Armênio Guedes, que morava em Laranjeiras, foi peitado pela CIA [Central Intelligence Agency] e disse que teve vontade de tirar o que tivesse de documento, ligar para o polícia e dizer: “Tem um aparelho aqui assim e assim!” [riso], mas, aí, quem me ajudou muito foi o filho do Salomão Malina, Matheus Malina, que morreu depois. A Zuleide Faria de Mello, essa professora, ajudou muito, também. Nós fizemos uma primeira viagem para o Rio, porque peguei todo o material que era literário e deixei na casa do Bernardo Kucinski, em São Paulo. Nós o salvamos e, depois eu nem sei como se juntou no CEDEM. Nós salvamos o arquivo. Levamos o primeiro material para a casa da Zuleide, deixamos na casa dela, o Salles já estava fora. Então, eu e o Matheus voltamos, num Fusca, São Paulo. O Matheus ia trabalhar, eu ia dormir. Tinha um mimeógrafo que o Manuel Maurício tinha nos dado de presente. Juntamos tudo ali e durante umas quatro ou cinco noites nós levamos todo o material do arquivo do Astrojildo, e a Zuleide se encarregou de guardar um lugar, uma garagem, para guardar o arquivo. Porque a situação tinha ficado muito mais pesada - está ficando tarde, não dá para falar muito disso - em março de 1974, quando a polícia pegou quase todo o Comitê Central – isso, também, foi um absurdo, daí veio o meu medo pelo arquivo – foram as quedas do Luiz Maranhão, João Massena Melo. Essa turma toda foi nesse período. A perseguição apertou mais ainda nesse período. O Partido tinha outra coisa de machão: O Partido Comunista Brasileiro nunca se exila! Nós nunca saímos do país. O Prestes já tinha saído em 1971, porque nós soubemos que a polícia sabia onde ele estava. E devia saber mesmo, porque uma pessoa que ia de vez em quando ao sítio onde ele estava, em Jacarepaguá, foi aquele famoso “Agente Carlos” que, depois de 1972, apareceu na

televisão. Estava trabalhando para a CIA desde a década de 1960! Ele era da sessão de relações internacionais. Viajava com o Prestes. Levava documentos. Entregou tudo que foi partido da América Latina. Adauto [Alves dos Santos] era o nome dele. Todo mundo tinha muita pena dele, porque tinha um câncer de intestino, ele tinha aquela bolsinha. Então, seguramente, a polícia tinha o Prestes na mão. Só que para a polícia e para o exército não era uma coisa... Prendem o Prestes e iam fazer o que com o Prestes nessa altura dos acontecimentos? Então, eu acho que deixaram o Prestes sair. Ele saiu em 1971 e a Anita saiu, acho que em 1972 ou 1973. Eu saí, porque era para fazer um curso de dois meses sobre *O Capital*, com o Carlos Nelson Coutinho, foi nessa época, e tínhamos que voltar, então, no início de 1975. Em 1974, 1975, foram os anos de maior assassinato, morte e perseguição. Isso, quem me disse, foi o Elio Gaspari. Vocês ficam falando do Médici, mas o Geisel matou muito mais gente, torturou muito mais gente e sumiu com muito mais gente. O PC, por exemplo, foi na época Geisel, apesar das ilusões.

Marieta: A repressão ao Partido Comunista foi nessa época.

Marly: Exatamente. Tinha gente assim querendo apoiar o Geisel. Quando chegou a época de voltarmos, em janeiro tinha caído o Marco Antônio Coelho, que foi torturadíssimo – é jornalista e está hoje em São Paulo – e o Jaime Miranda que é um dos desaparecidos. O Apolônio [de Carvalho] e o Mário Alves caíram em 1970. Mas, enfim, veio, então, a ordem para não voltarmos. Nesse meio tempo, alguém que foi a Moscou e disse: “Fleury mandou um recado para você, para o Givaldo e para o Salles. Ele disse que se vocês tiverem coragem mesmo, que voltem para o Brasil”, aí Givaldo respondeu: “Diz a ele que, se for homem de verdade, que ele venha a Moscou!” [risos] Então, fiquei lá em 1975. Com a perseguição de 1975, caiu o Bonfim, que era o responsável pela *Voz Operária*, - outro desaparecido, ninguém sabe do seu fim – o Liminha [José Montenegro de Lima], que trabalhava com o Bonfim. Caíram os dois e não se sabe, até hoje o que aconteceu. A gente o chamava de Liminha, porque era bem garoto. O Partido, no exterior, resolveu que era preciso retirar o Comitê Central do país. Já tinha muita gente fora e, em janeiro de 1975, houve a primeira reunião do Comitê Central no exterior. Fomos para o Comitê Central eu, Gregório Bezerra e Anita. Eu fui para o secretariado do Comitê Central. Passou 1975. Em 1976, houve uma reunião em Moscou. Em 1977, na Bulgária e em 1978 na Hungria. Em 1979, foi em Praga. Em 1979 eu resolvi pedir a minha demissão do Comitê Central, por uma questão em que eu

achava que tinha sido feito muita besteira. Metade dessas besteiras, eu estava a par e não botei a boca no mundo. Então, na hora que resolvi botar eu disse: “Agora, eu estou pedindo a saída de duas ou três pessoas, então eu tenho que sair junto.” Eu não pedi para sair do Partido, pedi para sair da direção do Partido. Foi um Deus nos acuda. Do Partido só se sai expulso ou morto. Como é que vai criar o precedente de sair, porque fez besteira? Marcaram um ponto comigo no dia 03 de fevereiro de 1979 em Paris, até hoje [risos] ninguém apareceu. Eu, aí, saí do Partido.

Em 1977, fiquei em Moscou por algum tempo. Não, minto! Eu já tinha saído de Moscou. Meu marido era espanhol. Eu o conheci quando fui fazer esse curso de *O Capital*. Ele era professor de economia. Foi o segundo passaporte espanhol dado em Moscou depois da morte do Franco. Então, nós fomos para a Espanha e, depois, ficamos em Paris. Quando saí do Partido fui para a Espanha e lá eu esperei a anistia chegar. A anistia foi dia 29 de agosto e eu voltei no dia 04 de setembro: “Agora eu vou retomar [a vida]”. Porque teve muita gente que não quis retomar. Como o Mauricinho, Maurício Martins de Melo, que resolveu pedir notório saber. E até hoje eu não entendi o porquê disso. O Joel também pediu o notório saber. Do Joel, eu não sou contra. Ele continuou lecionando História, lecionou em vários lugares e escreveu vários livros de História. Mas o Mauricinho não. Ele não fez mais nada em relação à História, mas, como o Nelson Werneck Sodré declarou que ele era assistente dele no ISEB, ele entrou aqui com o Macedo que concedeu notório saber a ele. Ele não veio para a História não. O Werneck Sodré, quando foi escrever a *História Nova*, para você ver a minha mentalidade na época, ele me chamou no ISEB, me convidando para participar do *História Nova*. Eu me lembro da cena. Era uma sala cheia de secretárias e eu sentada esperando e pensando assim: “O Werneck Sodré enlouqueceu! Nesse mundo, ele acha que eu vou parar para escrever História”! Era com o Falcon, mentor daquele trabalho todo.

Então, eu voltei. Quando voltei, eu pensei: “Vou voltar para a Filosofia, mas não faço vestibular não, eles têm que me dar o lugar que ele me tiraram!” Então, o Manuel Maurício me pôs em contato com o Bruno Lobo, que era o decano, era do Conselho Universitário e ele me levou para falar com o Santa Rosa e, por unanimidade, o Conselho Universitário me deu matrícula. Só que eu tinha passado para o terceiro ano com dependência em Idade Média, no meu ano não tinha optativa, não tinha crédito. Então, eu tinha feito Moderna e Contemporânea com o Falcon e com a Maria Yedda.

Mas eu não podia fazer América, porque não tinha terminado medieval. Fiz, então, o primeiro semestre e pensei: “Isso é um absurdo!”. Eu fiz uma carta para o Conselho Universitário dizendo que era injusto. Eu podia fazer História Contemporânea e podia fazer América I. Aí eles me deixaram fazer América I e, no final de 1980, houve um curso de América II oferecido nas férias. Eu consegui terminar em dois anos. Nesse meio tempo, eu vim falar com o Eremildo, para me dar crédito de antropologia. Eu fui falar com ele pessoalmente, me lembro que fui carregada de livros nos dois braços, porque não queria fazer desaforo com ele. Mas ele também fingiu que não me conhecia, me deu os créditos e, então, eu terminei o curso em dezembro de 1981. Imediatamente eu fiz o mestrado aqui, era a Eulália [Lobo] que dirigia aqui. Mas meu marido foi para Campina Grande, trabalhar lá, e eu fui passar as férias de julho lá e abriu um concurso pra paleografia e pré-história, duas coisas que nós não tínhamos no nosso curso aqui. Eu pedi ajuda ao Hasselmann. Minha irmã foi falar com ele, “Manda pra mim o material”. Ele mandou, foi gentilíssimo, mas veio com um recadinho: “Se estivesse estudado quando devia, em vez de ficar fazendo agitação...” Mas eu passei e fiquei em Campina Grande, só que o meu mestrado foi assim: eu estava fazendo aqui naquele grupo de história agrária da Maria Yedda, do Ciro e, depois, do Francisco Carlos, e lá eles me aceitaram em história agrária, economia agrária, aliás. Aceitaram o projeto integralmente e vai ser publicado agora em Campina Grande. E aceitaram que o Ciro fosse meu orientador. Lá eles aceitam orientador de fora, você só paga a passagem dele pra ele vir pra sua defesa. E, eu tenho meu mestrado em julho de 1985 e, em 1987 eu saí para o doutorado, que eu fui fazer na USP [Universidade de São Paulo]. Fiz História Social e, nesse meio tempo, em outubro de 1989, abriu um concurso pra economia em São Carlos. E, como eu tinha mestrado em economia rural, eu pude fazer, consegui a vaga e fiquei em São Carlos.

Marieta: Não sei se ficou claro para mim, sobre o seu desligamento do Comitê Central. E, depois, como é que foi o seu afastamento do partido? Depois da redemocratização, você se juntou a outro partido?

Marly: Não, porque é muito difícil. Quando eu voltei pra filosofia, foi engraçado a garotada do MR-8 [Movimento Revolucionário 8 de Outubro] queria me recrutar [risos]. Eu achava uma graça danada! Mas foi, inclusive, na época do ataque ao Rio Centro, na época do governo Figueiredo. Mas eu não entrei, houve uma tentativa,

porque houve o rompimento de Prestes, e ele e a Anita vieram me procurar com a ideia de fazer um novo partido. Ficaria na direção: ela, Prestes, eu e outro rapaz. “Não faz sentido. O que a gente representa? Não representamos absolutamente nada!” E hoje eu sou, como diz Armênio Guedes: comunista avulso [risos]. E é o que eu me considero hoje.

Maria Paula: Vou perguntar uma coisa rapidamente sobre isso, do “comunista avulso”, por curiosidade. Hoje em dia, dos legados do PCB temos o PPS [Partido Popular Socialista], temos o movimento de refundação do PCB, como é que você se situa um pouco entre esses herdeiros da crise do PCB?

Marly: O PPS não é herdeiro de nada! O PPS abdicou de tudo! Começou com o nome do partido, depois o programa do partido, e agora estão fazendo acordo, não só com o PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira], estão querendo unir com... “sabe?” Não tem mais nada a ver não! Há vários grupos que eu respeito. Eu respeito o pessoal do PSOL, mas não tenho identidade com eles.

Maria Paula: E esse movimento de refundação?

Marly: Eu não conheço bem esse movimento, eu conheço o chamado PCB do Ivan Pinheiro. Eu já fui a vários encontros deles. Eu acho que as pessoas estão... Primeiro, eu chego no auditório e a média de idade é a minha. Está errado. Cadê a juventude? Todo mundo saiu, cadê o movimento operário? Então, não estou criticando, eles estão fazendo o que podem, trabalhando no que podem. Mas, eu acho, ainda, que é preciso haver uma unidade de todas as forças de esquerda, inclusive os anarquistas, que tenham uma proposta, inclusive o PC do B [Partido Comunista do Brasil]. Inclusive, tem um grupo muito bom no PC do B. Tem uma parte que está no “sim, senhor”, mas tem uma parte, um professor chamado Augusto Buonicore, da Fundação Maurício Grabois, que é um pesquisador fantástico, é um homem aberto. Também tem o Zé Carlos Rui, tem uma turma. Então, poderia juntar, fazer uma proposta, porque o que a esquerda mais sabe é se dividir. Quando há pouco tempo houve uma briga na crítica marxista, que saiu o Caio Navarro Toledo, eles me perguntaram, e eu disse “Nós temos uma tendência fantástica para nos dividir”. Porque já somos meia dúzia, e cada um mais centrado do que o outro, mais dono da verdade. Então, eu acho que isso seria preciso e fazer uma discussão, sem enfrontarismo, da situação no Brasil, do que é possível se fazer. Não é para que haja unanimidade, mas para que você possa dizer: “Bom, agora eu acho que é por esse

caminho”. Eles criaram um grupo agora, eu participei na segunda-feira, chama-se “Instituto Superior de Estudos Políticos”, não sei se ouviram falar. Quanto às assinaturas, as melhores pessoas assinaram, de muitos partidos, inclusive.

Aí sim, tinha uma mocinha, que não devia ter nem trinta anos, e tinha umas cinco ou seis pessoas de cinquenta e cinco/ sessenta e cinco, no mais, era de setenta e cinco para a frente. E, de repente, começou uma discussão sobre o seminário que poderíamos fazer sobre os 50 anos do golpe, se era nacionalismo ou se era democracia. Aí eu disse pro César Duarte Pereira, que estava do meu lado: “Eu já escutei essa discussão há 40 anos”. Então, quer dizer, eu colaboro com todo mundo que está querendo fazer alguma coisa, se eu puder ajudar, colaborar, participar de seminário, eu vou! Agora, para se filiar, é preciso estar acreditando naquilo que você está fazendo e, por enquanto, eu sou muito cética.

Marieta: Obrigada, então!